

O ESPÍRITO DE PÍTON ERA POR NÓS OU CONTRA NÓS?

Eziongeber Vieira de Lima¹

RESUMO

Um registro lucano que causa alguma dificuldade de interpretação é o incidente da adivinha na cidade de Filipos, envolvendo Paulo e Silas, e a curiosa mensagem do Espírito de Píton (*pneuma Pythona*) nos lábios da jovem escrava grega: “Estes homens são servos do Deus Altíssimo. Eles vos anunciam o caminho da salvação (At 16.17).” A leitura não cuidadosa do texto leva à indagação: “O Espírito de Píton era por nós, ou contra nós?” Se era por nós, parece estranho que um espírito contrário a Cristo falasse em favor de Cristo. Se era contra nós, o que a mensagem escondida, que não parece ser imediatamente perceptível? Quando se traz a expressão para seu verdadeiro contexto histórico-cultural, surgem ambiguidades semânticas que só podem ser percebidas através de uma análise mais acurada. Ao considerar tais ambiguidades a mensagem se tornará clara, esclarecendo o possível paradoxo da passagem. Na verdade, o Espírito de Píton tornava a mensagem do Evangelho diluída no caldo religioso politeísta e sincretista do mundo greco-romano, eis o motivo da indignação do Apóstolo Paulo.

Palavras-chave: Theos Hypsistos. Sincretismo. Contexto. Exegese.

INTRODUÇÃO

Será proposta a análise de uma passagem conhecida, cuja interpretação, caso não seja suficientemente cuidadosa, pode gerar entendimento equivocado. Buscar-se-á compreender a proclamação do espírito que possui a jovem escrava pagã à luz de uma contextualização histórico-religiosa, o que permitirá extrair um princípio ignorado ou não percebido pela maior parte dos comentadores deste texto:

Aconteceu que, quando íamos ao lugar de oração, veio ao nosso encontro uma jovem que tinha um espírito adivinhador e que, adivinhando, dava grande lucro a

¹ Mestrando em Teologia pela FABAPAR, Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Pentecostal do Nordeste, Mestre em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo e Pós Graduação em “Mundo Judaico e Helênico: Língua, Cultura e Religião”, pela Faculdade Batista de São Paulo, Bacharel em Administração de Empresas e Pós Graduação em Gestão de Pessoas pela FCAP/UPE Universidade de Pernambuco. Professor na Faculdade Cidade Teológica Pentecostal. E-mail: geberlima@yahoo.com.br

seus senhores. Seguindo Paulo e a nós, ela gritava: **Estes homens são servos do Deus Altíssimo. Eles vos anunciam o caminho da salvação.** Ela fez isso por muitos dias. Mas Paulo, já aborrecido com isso, voltou-se e disse ao espírito: Eu te ordeno em nome de Jesus Cristo que saias dela. E na mesma hora ele saiu.” (At 16. 16-18) (Almeida Século 21).

A questão colocada está nesta mensagem proferida pela jovem adivinha. Seu anúncio parece ser genuíno e é repetido seguidamente: “Estes homens são servos do Deus Altíssimo. Eles vos anunciam o caminho da salvação”. O apóstolo, no entanto, se ira e repreende o espírito (Espírito de Píton) que possuía a jovem. Nesse ponto parece faltar coerência nos fatos. Se a mensagem da adivinha era verdadeira e positiva, parece estranho que um espírito contrário a Cristo falasse em favor de Cristo. E se ele falava a favor dos missionários e do próprio Cristo, por que o apóstolo se aborreceu tanto? Se havia algo, ou algum entendimento ou significado, que não pode ser imediatamente perceptível, o que seria?

A investigação será procedida a partir desta questão. Serão analisadas as propostas de vários estudiosos que comentam esta passagem. Serão então investigadas mais cuidadosamente tanto as expressões utilizadas pelo escritor, na descrição da cena em estudo, suas especificidades, como também a audiência da mensagem, isto é, para quem eram dirigidas as palavras da adivinha, ou do Espírito de Píton? Esta pesquisa trará nova luz sobre o entendimento do texto e mais especificamente da mensagem do “Espírito de Píton”, esclarecendo a indagação: se o mesmo era por nós, ou contra nós?

1. 1. O TEXTO E AS PROPOSTAS DE INTERPRETAÇÃO COMUNS

A expressão da adivinha, ou do Espírito que a possuía, é o foco da investigação: “Estes homens são servos (*antropoi douloi*) do Deus Altíssimo (*Theou tou Hypsistou*). Eles vos anunciam o caminho da salvação” (At 16.17) (Almeida Séc. XXI). No original grego, lê-se: οὔτοι οἱ ἄνθρωποι δοῦλοι τοῦ θεοῦ τοῦ ὑψίστου εἰσὶν, οἵτινες καταγγέλλουσιν ὑμῖν ὁδὸν σωτηρίας. (Novum Testamentum Graece, N28)

O aparato crítico não aponta para variantes textuais relevantes no texto em análise, que poderiam alterar de forma significativa seu entendimento. A variante digna de nota seria ἡμῖν/ὑμῖν (nós/vos) as quais apresentam apoio em diversos manuscritos, com a preferência para ὑμῖν (vós) que parece mais apropriado no contexto.

Os missionários são chamados de servos (*douloi*) do Deus Altíssimo (*Theou tou Hypsistou*). Blomberg (2019) admite que a mensagem da moça adivinha seja totalmente verdadeira, mas não desejável. Marshall, comentando o texto não consegue perceber nada estranho nas palavras do espírito adivinhador, que na verdade trouxe publicidade aos missionários:

O efeito da proclamação da jovem, que foi repetida no decurso de muitos dias, cada vez que se encontrava com Paulo, foi dar aos missionários uma publicidade inesperada. Paulo não fez tentativa alguma para tratar do caso na primeira ocasião, por razões que não ficam claras. Talvez, de início, os gritos da jovem não parecessem perigosos; na realidade, não havia sugestão alguma de que ela era hostil aos missionários (MARSHALL, 2001, p. 254).

Marshall também ressalta que Paulo não tratou o caso imediatamente, por razões desconhecidas; afinal os gritos da jovem não pareciam perigosos. Outros autores enfatizam a questão sócio-econômica da escrava, e que sua mensagem é teologicamente correta, e Paulo parece agir porque está chateado com os gritos, como se percebe no Comentário Bíblico Latino-Americano:

A situação da moça era muito difícil: como mulher, como escrava e como explorada economicamente em sua capacidade espiritual de falar discursos inspirados. A moça não está endemoninhada e o que ela diz aos missionários é teologicamente correto... Paulo não atua movido pelo espírito profético, e sim porque está cansado e chateado com os gritos! (LEVORATII, 2010, p. 731, tradução nossa).

Parte dos estudiosos faz imediatamente a ligação da mensagem da escrava adivinha com as palavras dos demônios referindo-se a Cristo, registradas nos Evangelhos, como Richard Longenecker: “Seu grito lembra o dos demônios durante o ministério de Jesus (Mc 1.24; 3.11; 5.7; Lc 4.34, 41; 8.28). Em ambos os casos houve um reconhecimento compulsivo do verdadeiro caráter daqueles confrontados” (GAEBELEIN, 1981, p 462, tradução nossa).

Quando a mensagem da moça adivinha é lida sem levar em conta o cenário cultural, o entendimento é que se tratava de um testemunho legítimo e absolutamente apropriado. É o que se pode perceber nas anotações de algumas Bíblias e em alguns comentários populares. Na anotação da Bíblia Sagrada Vozes (1985, p. 1321) lemos “Como Cristo, também Paulo não quis aceitar o testemunho do pai da mentira”.

2. 2. CENÁRIO CULTURAL INTRODUZIDO POR LUCAS

Pode-se ser conduzido a interpretações enganosas quando os exorcismos são igualados: o de Paulo em Filipos, e o de Jesus, nos Evangelhos. O mesmo Lucas que registrou exorcismos no seu evangelho, num ambiente judaico, no qual as pessoas eram denominadas por espírito imundo (*pneuma akatartou*) ou espírito maligno (*pneuma poneron*), no seu registro em Atos não usa esses termos. Trata-se de uma “jovem que tinha um espírito adivinhador”, ou πνεῦμα πύθωνα, *pneuma pythona* (*espírito de Píton*), e que, adivinhando (*manteuestai*) dava grande lucro para os seus senhores.

O termo grego para adivinhar “*manteusta*” é um hápax neotestamentário, isto é, é um vocábulo que não se encontra noutra lugar no Novo Testamento. A Septuaginta porém o utiliza (e seus derivados) em vários momentos para traduzir a palavra hebraica para adivinhação (cuja raiz é *qsm*), como na história da médium de En-Dor. A Septuaginta usa esse termo e também a palavra *gnostes* para adivinhar, em I Samuel 28.9. Mas Lucas usa *gnostes* com o significado de versado, instruído, conhecedor, como em Atos 26.3. Embora pudesse nomear a jovem simplesmente como *mantis*, isto é, adivinha, ele prefere dizer que ela tinha um *pneuma pythona*, um espírito de Píton.

A expressão espírito de Píton, traduzida como espírito adivinhador, exige um mergulho na cultura grega. Os gregos acreditavam que Píton era uma serpente gigantesca que disputava com o deus Apolo a posse do oráculo da cidade de Delfos. Apolo a venceu e a matou, recuperando a posse do oráculo, onde atuava a sacerdotisa adivinha que exercia seu ofício em frente a uma trípode coberta com a pele da serpente Píton, morta por Apolo. Espírito de Píton, portanto é o espírito de adivinhação.

A inter-relação entre o Espírito de Píton, e a sacerdotisa adivinha que mediava sua manifestação, resultou na denominação da vidente como Pítia, como era conhecida a adivinha. Não se sabe ao certo como as adivinhações aconteciam no oráculo em Delfos, mas pode-se afirmar que:

[...] a Pítia fornece resposta a partir de inspiração interior. Muitos estudiosos supõem que ela era tomada por violentas contorções e proferia apenas uns farrapos de palavras quase ininteligíveis, outros acreditam que ela se sentava mais ou menos calma em seu banco e trabalhava de modo rotineiro (KLAUCK, 2011, p. 200).

Prieto (2007, p. 50) observa que “se Lucas emprega um modelo evangélico [de exorcismo], ele o transpõe para um outro cenário cultural, onde tal espírito não é, no geral assimilado a um espírito demoníaco ou impuro”. É importante a caracterização realizada por Lucas na narrativa em Filipos, muito distinta dos embates entre Jesus e os demônios encontrados no Evangelho. No que diz respeito à identificação do Deus Altíssimo falado pela pítia, pode-se ler no Comentário Broadman:

Entre os judeus helenistas e adoradores gentios de Deus, ‘Altíssimo’ era o nome de Yahweh. Salvação para a jovem, significava o que normalmente queria dizer para o povo do mundo helênico. Era um escape ou libertação dos poderes que controlavam os destinos do homem. Desta forma a jovem escrava estava dizendo ao povo, enquanto seguia os missionários, que eles estavam proclamando um caminho de libertação do destino, pelo poder de Yahweh, o Deus dos judeus (ALLEN, 1994, p. 120).

O pressuposto desse tipo de afirmação é que tanto a escrava quanto seus ouvintes eram judeus ou gentios tementes a Deus, o que necessariamente não corresponde ao cenário descrito por Lucas. Nesta interpretação, que não leva em conta o contexto greco-romano, o exorcismo é visto como total semelhança aos que são narrados nos evangelhos, assim como a mensagem da jovem também é identificada com Yahweh e a salvação que dele se origina. É importante perceber como Lucas está descrevendo a situação, deixando claro o cenário cultural grego, a partir do qual toda a leitura precisa ser feita.

3. O USO DA EXPRESSÃO DEUS ALTÍSSIMO (HO THEOS HO HYP SISTOS)

Bruce chama a atenção para o fato que “Deus altíssimo era um título que provia para judeus e gentios um denominador comum conveniente para o Ser Supremo, e ‘salvação’ no sentido religioso era tão avidamente buscada tanto por gentios como por judeus” (BRUCE, 1954, p. 333, tradução nossa). Para o correto entendimento do termo, esta ambiguidade semântica exige duas coisas: primeiro que se estabeleça corretamente qual o contexto em que *Theos Hypsistos* (Deus Altíssimo) é empregado, e segundo que o termo seja empregado com muito cuidado.

Não se faz necessário falar muito sobre o uso de *Theos Hypsistos* no meio judaico. A Septuaginta traduz El-Elyon em Gênesis 14.19-20, o Deus Altíssimo de

Melquisedeque, *Theos Hypsistos*, e há registros abundantes em todo o Antigo Testamento de *Hypsistos* (O Altíssimo), especialmente nos Salmos.

Entretanto, estudiosos perceberam que em períodos mais recentes (considerando que a Septuaginta surgiu por volta do século II a.C), em Filo de Alexandria e Flávio Josefo (dois judeus helenizados, que foram praticamente contemporâneos de Lucas e Paulo), a expressão *Theos Hypsistos*, ou simplesmente *Hypsistos* passou a ser usada com mais cuidado pelos judeus:

Embora a evidência seja muito limitada, podemos sugerir que Josefo também considerou o termo como propenso a encorajar mal-entendidos e sincretismo, e, portanto, tinha muitas conotações em sua sociedade para que ele pudesse usá-lo livremente. Concluimos que o termo *Hypsistos* é encontrado de forma significativa em alguns escritos judaicos. Notamos que, para alguns autores, era considerado como um termo que seria facilmente entendido pelos pagãos e poderia ser usado na boca dos pagãos para referir-se a Yahweh. Para Filo [e talvez para Josefo] foi também um título que teve que ser usado com cuidado por causa do perigo de mal entendido (TREBILCO, 1989, p. 55, tradução nossa).

A preocupação dos judeus helenizados, como Filo e Josefo não era desprovida de sentido. Trebilco (1989, p. 52) chama a atenção que “Zeus, o deus mais exaltado do Olimpo, era frequentemente descrito como Zeus Hypsistos. O culto de ‘Zeus Hypsistos’ foi plenamente reconhecido em alguns lugares”. O conteúdo de uma folha de papiro com o estatuto da comunidade cultural de *Zeus Hypsistos*, datada do final do período dos Ptolomeus (69-57 a.C), está disponível em português no livro de Klauck (2011, p. 62-64).

Bauckam (2009, p. 110) quantifica o que Trebilco chama de “cuidado de Filo e Josefo”, calculando que na literatura da época do Judaísmo do Segundo Templo (entre 250 a.C e 150 d.C), pode-se contar não menos que 284 ocorrências do nome “Altíssimo”. Porém, em Josefo e Filo, que concentram a maior parte do *corpus* de literatura judaica deste período, conta-se somente catorze destas 284 ocorrências. Bauckam ainda detalha que das 284 ocorrências, 250 são encontradas na *literatura judaica palestinese*, enquanto somente 34 na literatura da diáspora ocidental. Esta diferença clama por uma explicação.

A explicação está justamente no fato de que o uso da palavra no contexto não judaico, estaria carregado de ambiguidade. Diferente de El Elyon, *Hypsistos* é morfologicamente um superlativo, o qual pode ser usado como o maior de uma série de

outros. Este era o sentido ordinário no uso religioso helenístico. O deus Altíssimo era o mais elevado dos deuses. “Este foi o motivo pelo qual, na maior parte da literatura judaica da Diáspora, evitava-se usar ὑψίστος (*hypsistos*)” (BAUCKAM, 2009, p. 121).

No terceiro século, a obra “Contra Celso”, de Orígenes, traz o claro entendimento do significado de *Hypsistos* para um pagão como Celso, que foi um filósofo platônico do século II, crítico ferrenho do movimento cristão, através da sua obra “A verdadeira palavra”. Celso dizia que “não faz diferença se chamamos Zeus o Altíssimo (ὑψίστου), ou Zen, ou Adonai, ou Sabaoth, ou Amon como os egípcios, ou Papaeus como os citas”. (BAUCKAM, 2009, p. 111).

Não é evidente que a mensagem do espírito de Píton era teologicamente correta e que anunciava Yahweh, o Deus Salvador! Ao analisar a expressão *Theos Hypsistos* utilizada por Lucas, no Evangelho e em Atos, Trebilco percebe também algo interessante. Quando utilizado no contexto judaico, Lucas utiliza apenas *Hypsistos* (Altíssimo), como em Lucas 1.32,35,76; 6.35, Atos 7.48. Quando o contexto é gentio, ou vem dos lábios de um gentio, Lucas utiliza *Theos Hypsistos* como na passagem que estamos analisando e Lucas 8.28 (o endemoninhado gadareno). Podemos afirmar que “Lucas reconhecia diferença de entendimento do termo num contexto judaico e num contexto grego” (TREBILCO, 1989, p. 59).

Para determinar o contexto indaga-se: Para quem se dirigia o oráculo da adivinha? Se o público fosse judeu, ou tementes a Deus, ou prosélitos, de fato, a mensagem remeteria seus ouvintes a Yahweh, Deus Todo-Poderoso, o Deus Altíssimo, como lemos no Comentário Broadman. Mas a multidão filipense era, em sua grande maioria gentia e pagã. Podemos afirmar com certeza que existiam poucos judeus em Filipos.

Bruce (1954, p. 331) observa que quando Paulo visitava uma nova cidade, era prática dele ir ao local de culto judaico, a sinagoga. Em Filipos, contudo, parece não existir uma sinagoga, o que pode significar que havia muito poucos judeus no lugar. Se houvesse dez judeus homens, seria suficiente para constituir uma sinagoga, e nenhum número de mulheres poderia compensar a falta de um homem necessário para completar o quórum de dez. Então, em Filipos, há um lugar de reunião não oficial fora da cidade onde um número de mulheres (judias e gentias tementes a Deus) vinham juntas para o culto judaico de oração no sábado, uma vez que não poderiam constituir uma

congregação oficial, uma sinagoga! Portanto, não há dúvida de que a multidão de ouvintes da mensagem insistente do espírito que possuía a escrava adivinha era de gentios pagãos. Se eram pagãos, como estes ouvintes entendiam esta mensagem?

Keener (2014, p. 2320) também levanta a questão, apontando para o tamanho diminuto e pouca significância da comunidade judaica em Filipos. Portanto, entenderiam os filipenses, a mensagem do oráculo necessariamente em um sentido monoteísta? Trebilco (1989, p. 60) reforça que o termo *Theos Hypsistos*, não remeteria o ouvinte ao Deus de Israel, a menos que essa pessoa fosse um judeu ou um temente a Deus. Se os pagãos tivessem um bom conhecimento do judaísmo, eles de fato entenderam que a referência era a *Yahweh*, mas que muitos pagãos tivessem tal conhecimento é improvável em uma cidade que parecia ter uma comunidade judaica muito pequena. Para um pagão, o termo nem implica monoteísmo. Simplesmente sugere a criação de uma hierarquia em seu panteão. Talbert percebe e registra a possibilidade de ambiguidade, e destaca o contexto pagão, seguindo Trebilco:

Embora o Altíssimo seja um título de Lucas para Deus e judeus o usassem para o Deus de Israel, os pagãos também empregavam o termo honorífico: por exemplo, para Zeus, para o Baal local, para uma deusa mãe, para Ísis. Em um contexto pagão como Filipos, as palavras da escrava teriam sido ambíguas, assim como suas palavras sobre "um [não 'o'] caminho de salvação" (TALBERT, 2005, p. 142, tradução nossa).

Fitzmeyer (1998, p. 586) afirma de forma precisa: "O que a frase 'Deus Altíssimo' significaria na boca de uma jovem escrava pagã grega é difícil dizer: provavelmente Zeus, o mais alto deus do panteão grego" (tradução nossa). A expressão *Theos Hypsistos* não poderia ser traduzida de outra forma, ou até entendida de outra forma. De fato a mensagem do Espírito de Píton falava necessariamente de Deus Altíssimo. A questão é a qual Deus Altíssimo se está referenciando? Percebe-se que é necessário levar em conta os aspectos culturais, não apenas do escritor, que é um cristão, mas do cenário do incidente por ele narrado.

4. O CAMINHO DE SALVAÇÃO, OU UM CAMINHO DE SALVAÇÃO (Atos 16.17)

Embora a questão possa parecer tratar-se de preciosismo, ou uma preocupação de minúcia erudita, na verdade não o é. Trata-se de fato de uma questão de grande relevância, que lança luz sobre a interpretação de uma passagem muito conhecida e explorada na pregação cristã. Carson, conhecido estudioso do Novo Testamento, analisando as armadilhas encontradas na tarefa exegética, enfatiza:

O ponto-chave da questão é que semântica, significado, é mais do que o significado de palavras. O problema envolve frases, orações, discursos, gêneros, estilos, e requer não só estudos sintagmáticos de palavras (que relacionam umas às outras), mas também estudos paradigmáticos (que questionam por que esta e não aquela palavra é usada) (CARSON, 2012, p. 61).

A questão seguinte a ser analisada na mensagem do Espírito de Pítion, traz sutileza ainda mais forte do que a questão já investigada do Deus Altíssimo (*Theos Hypsistos*). Como Carson chama a atenção, semântica, é mais do que o significado das palavras.

Após identificar os missionários como servos do Deus Altíssimo, o Espírito de Pítion proclama que “Estes homens vos anunciam (*kataggellousin hymin*) o caminho da salvação (*hodon soterias*)”. Como ressaltou F.F. Bruce (1954, p. 333) salvação era algo avidamente buscada tanto por judeus quanto por gentios. Entretanto, o significado desta palavra não era o mesmo para ambos. Longenecker observa:

E o anúncio da ‘salvação’ (soteria) - enquanto para Paulo e os judeus referia-se à libertação do pecado – para os gentios teria conotação de libertação dos poderes que governam o destino do homem e do mundo material. Foi, portanto, expresso em termos que os gentios pudessem entender, mas Paulo poderia construir a partir dessa base existente (GAEBELEIN, 1981, p 462, tradução nossa).

O autor parece sugerir que o anúncio da jovem adivinha forneceria a Paulo uma possibilidade interessante de contextualização da mensagem de salvação, ao propor que o apóstolo poderia “construir a partir dessa base existente”. De alguma forma, a adivinha seria uma espécie de precursora da mensagem do evangelho! Para esse estudioso, o único problema é que estava havendo mais audiência para o demônio do que para os missionários:

Mas enquanto as palavras inspiradas por demônios forneceram alguma

publicidade gratuita para os missionários e ajudou a reunir uma audiência, quando continuou por muitos dias, tornou-se um incômodo. As palavras do demônio estavam sendo mais ouvidas do que a proclamação do evangelho! (GAEBELEIN, 1981, p. 462, tradução nossa).

Esta interpretação parte do pressuposto de que o espírito de Píton também estava participando da pregação do evangelho. Entretanto, quando se leva em conta o que já foi analisado sobre *Theos Hypsistos*, e quando se estuda com mais cuidado o texto grego que alude ao *hodon soterias* (caminho de salvação), chega-se a outra compreensão.

As versões da Bíblia em português não ajudam muito o leitor que não faz a leitura do texto grego. Foram consultadas as seguintes versões da Bíblia em português: a Bíblia de Jerusalém, a Almeida Revista Corrigida e Revista Atualizada, a Tradução Ecumênica e a Bíblia Vozes, além da Almeida Século 21. Todas elas traduzem “anunciam o caminho da salvação” (Atos 16.17). A exceção encontrada foi a Versão de acordo com os melhores textos em hebraico e grego. Nela se lê “anunciam um caminho de salvação”.

O texto grego traz “*kataggellousin* (anunciam) *hymín* (a vós) *hodon* (caminho) *soterias* (de salvação)”. Não há artigo na palavra *hodon*. Quando uma palavra grega é desacompanhada do artigo, ela é denominada de “anartro”. O grego koiné não apresenta artigo indefinido, como na língua portuguesa ou inglesa, somente o artigo definido. Na verdade, a ausência do artigo definido não obrigatoriamente exige o artigo indefinido na tradução. O tradutor precisará analisar o contexto e definir se utiliza ou não um artigo indefinido, ou até um artigo definido. Por isso, a tradução grega da maior parte das versões que circulam, não indica erro por parte dos tradutores, e sim, um engano no contexto levado em conta.

Marguerat (2003, p. 143) chama atenção: “Seria um erro traduzir o caminho da salvação. É exatamente a ausência de qualquer artigo definido, na expressão grega que deixa indeterminada a identidade do ‘caminho’; pode ser qualquer um, o que denota definitivamente a tendência politeísta da mensagem”.

Trebilco (1989) ainda chama a atenção que ao usar *hodon* (caminho) num sentido metafórico em Atos, Lucas quase sempre usa o artigo. A única exceção além da passagem que estamos analisando é Atos 2.28, onde Lucas está citando a Septuaginta. Isso sugere que a omissão dos artigos por Lucas, em Atos 16.17, é significativa.

As versões da Bíblia em inglês, semelhante às versões em português, a maior

parte delas também faz a tradução com artigo definido “*the way of salvation*” (o caminho da salvação). Foi consultada a King James Version, a New King James Version, a New International Version, a English Standard Version, e a New American Standard Bible. A exceção encontrada foi a World English Bible, onde se lê “*a way of salvation*” (um caminho de salvação).

De fato, a tradução mais indicada seria “eles vos anunciam um caminho de salvação”, deixando claro que se trata de algo não exclusivo. Em seu comentário do Livro de Atos, Stanley M. Horton faz questão de deixar registrado em nota de rodapé, observando o perigo envolvido na tradução: “O grego não traz artigo: ‘um caminho’, de preferência a ‘o caminho’. Satanás, contudo, não se importa de chamar o evangelho de ‘um caminho’ enquanto não dissermos que é o único caminho.” (HORTON, 1990, p. 174). Analisando a questão, Prieto observa:

Embora ‘caminho’ seja um termo que Lucas usa frequentemente para designar o ‘movimento cristão’ e ‘salvação’ evoque a figura de Jesus ‘salvador’ para o leitor, esse vocabulário tem seus equivalentes na cultura grega. ‘Caminho’ designa as escolas de filosofia. E, entre os gregos, a salvação era a meta de muitas promessas e orações ao Deus Altíssimo ou a outros ‘deuses salvadores’. Era também o objeto de iniciação de cultos místicos (PRIETO, 2007, p. 51).

Pelo que pode ser percebido através de tudo que foi exposto, as palavras da adivinha precisam ser interpretadas a partir de sua dubiedade. Há uma ambiguidade clara no seu oráculo, cujo objetivo é justamente confundir! Keener (2014, p. 2320) também ressalta esta questão ao destacar que o anartro “caminho de salvação” não significava por si mesmo a única maneira de chegar a Deus. E esta proclamação se encaixa na reputação que os oráculos de Apolo tinham de sua ambiguidade.

Ao sugerir que os missionários fossem servos do Deus Altíssimo, e estivessem anunciando um caminho de salvação, o Espírito de Píton não está endossando a mensagem do evangelho. Está, antes, sugerindo que a proclamação é de arautos das divindades gregas, que anunciam um caminho de salvação, entre tantos outros já em circulação entre os gregos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das palavras utilizadas por Lucas para descrever a cena, e o entendimento do contexto sócio-cultural, trazem de fato nova luz à compreensão do texto, como também uma proposta mais adequada à tradução. O antigo comentário britânico Peake ressalta a questão sincretista por trás das palavras do espírito de Píton:

Deus Altíssimo, um título do Deus de Israel frequentemente usado pelos gentios era também empregado em cultos sincretistas nos quais uma deidade suprema cujo título era derivado do Judaísmo era cultuada juntamente com deuses pagãos. Um sincretismo similar produziu o culto de Sabácio-Sabaoth (BLACK, 1962, p. 911, tradução nossa).

Se a maioria dos cidadãos de Filipos ligasse “o Deus Altíssimo” a Zeus, haveria uma clara confusão na cabeça das pessoas, quanto à mensagem que o próprio Paulo estava proclamando, do único e verdadeiro Deus. Se o caminho que anunciavam fosse identificado como mais um caminho filosófico ou religioso, entre tantos já existentes, o Evangelho seria diluído entre as várias ideias sincréticas que circulavam em Filipos.

Stott (1994, p. 298) parece perceber a sutileza da questão: “Por que um demônio se engajaria na obra da evangelização? Talvez o motivo final fosse desacreditar o evangelho, associando-o ao ocultismo na mente das pessoas.” O perigo percebido por Paulo na mensagem entregue pela jovem adivinha é identificado por Marguerat:

[...] .consiste no fato de ela prender a pregação dos missionários cristãos na armadilha do sincretismo do ambiente. O Deus que Paulo e Silas anunciavam poderia ser Sabácio, como podia ser Zeus ou Javé... A esta mensagem inócua Paulo vai opor uma fórmula com teor maciçamente cristológico: ‘Eu te ordeno em nome de Jesus Cristo’ (MARGUERAT, 2003, p. 145-146).

Além de identificar o Deus que Paulo pregava com uma das divindades conhecidas do panteão grego, que podia ser Zeus, ou o próprio Apolo; o Espírito de Píton também fazia de Paulo um mestre, entre tantos outros que ensinavam um caminho de salvação. Podem ser ainda destacadas as palavras magistrais de Prieto:

A escrava engloba os missionários e a fé deles numa fórmula teológica universal, enquanto Paulo quer afirmar a especificidade do cristianismo e do ‘nome de Jesus Cristo’. Paulo corre o risco de ver a sua pregação diluída nas religiões ambientes: seu Deus se defrontaria com o Deus Altíssimo ou com qualquer outro deus salvador, e a unicidade do Evangelho se tornaria ‘um’ caminho de salvação entre outros (religiosos e filosóficos). Seria então Apolo o encarregado de fazer conhecer esse caminho cristão na Grécia. Mais do que a impertinência de um

espírito gritador ou a publicidade de Apolo, o que ameaça realmente Paulo é de ser levado à função de pregador de uma divindade conhecida e, portanto, inofensiva (PRIETO, 2007, p. 52).

O ambiente religioso greco-romano era profundamente sincrético. Os deuses dos romanos haviam se amalgamado no panteão helênico. Zeus é identificado com Júpiter, Ares com Marte, Ártemis com Diana e a lista prossegue. Especificamente em Filipos, as descobertas arqueológicas indicam a existência de um santuário de deuses egípcios, construído em um terraço artificialmente formado a meio caminho da acrópole (FRIESEN, 2022, p. 50). Pode-se afirmar ainda que “com a chegada do apóstolo Paulo em Filipos, e o estabelecimento da primeira assembleia cristã na Europa, a igreja cristã conviveu com instituições órficas, eleusianas e dionisíacas” (FRIESEN, 2022, p. 128, tradução nossa).

Há por parte do apóstolo, com a ação envolvendo a jovem escrava, uma rejeição absolutamente clara de qualquer possibilidade de associação da mensagem do evangelho com qualquer outra divindade pagã que pudesse povoar o imaginário dos habitantes de Filipos.

Em Paulo, a mensagem do evangelho será exclusiva em termos de somente ela oferecer ao homem o perdão dos pecados, a salvação e a justificação pela fé em Cristo Jesus, inexistindo qualquer possibilidade de sincretismo com as crenças pagãs da época. A genialidade da mensagem contextualizada de Paulo em Atos 17 é que ele usa intencionalmente a linguagem filosófica de seu público, não apenas para estabelecer o terreno comum, mas para transformar sua visão de mundo. Paulo é capaz de transmitir a revelação bíblica na linguagem e nas categorias de seus ouvintes gregos - sem, como N.T.Wright (1997, p. 81) ressalta, “dar um passo pela ladeira escorregadia do sincretismo.” Paulo encontra semelhanças entre as Escrituras judaicas e o pensamento helenístico para construir pontes apologéticas com seus ouvintes, mas todo o tempo trazendo um entendimento novo às estruturas de conhecimento pagãs.

A sugestão de sincretismo presente na fala do espírito de Píton através da jovem escrava indignou profundamente o apóstolo. Lucas usa o verbo *διαπνέομαι* (*diaponeomai*), “estar profundamente angustiado” ou “estar muito aborrecido”. Este é o mesmo verbo usado anteriormente em Atos 4.2 para descrever o sentimento do Sinédrio sobre a pregação dos apóstolos (ou seja, que Jesus ressuscitou dos mortos), “indignado”.

A simples possibilidade de uma proposta sincretista era motivo para indignação por parte do apóstolo! Sabe-se que Paulo é uma personalidade forte, lúcido no pensamento e intransigente nos princípios. Keener (2014, p. 2320) lembra que a relativização é inaceitável para Lucas e Paulo (At 4.12; Rm 3.29; 16:27; I Co 8.5-6; Gl 3.20; Fp 2.10). Não há dúvida que o apóstolo interpretou corretamente a mensagem ambígua do oráculo de Píton. A resposta a essa sutileza foi um confronto duro e direto com o espírito de Píton: “Eu te ordeno em nome de Jesus Cristo que saias dela. E na mesma hora ele saiu” (At 16.18).

REFERÊNCIAS

ALLEN, Clifton J. (editor). **Comentário bíblico Broadman**. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. Rio de Janeiro: JUERP, 1994. vol.10.

BAUCKAM, Richard. **Jesus and the God of Israel**. Grand Rapids: Eerdmans, 2009.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Almeida Século 21**. 3ª Edição. São Paulo: Vida Nova, 2013.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada Vozes**. 12ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1985.

BLACK, Matthew (editor). **Peake's Commentary on the Bible**. Londres: Thomas Nelson, 1962.

BRUCE, F.F. **The Book of the Acts**. Grand Rapids: Eerdmans, 1954.

CARSON, D. A. **Os perigos da interpretação bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2012.

FITZMEYER, Joseph A. **The Acts of the Apostles (Anchor Bible)**. New York: Doubleday, 1998.

FRIESEN, Steven J. e outros (editor). **Philippi, from Colonia Augusta to Communitas Christiana: Religion and Society in transition**. Leiden/Boston: Brill, 2022.

GAEBELEIN, Frank E. (editor). **The Expositor's Bible Commentary**. Grand Rapids: Zondervan, 1981. vol. 9.

HORTON, Stanley M. **O livro de Atos**. Tradução de Amantino Adorno Vassão. Flórida: Vida, 1990.

KEENER, Craig. **Acts: An Exegetical Commentary**. Grand Rapids: Baker Academic, 2014. vol. 3.

KLAUCK, Hans-Josef. **O entorno religioso do cristianismo primitivo I**. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2011.

LEVORATII, Armando J. (Editor). **Comentário bíblico Latino-Americano: Nuevo Testamento**. Estella: Editorial Verbo Divino, 2010.

MAIER, Johann. **Entre os dois Testamentos**. Tradução de Fredericus Stein. São Paulo: Loyola, 2005.

MARGUERAT, Daniel. **A primeira história do cristianismo: os Atos dos Apóstolos**. Tradução de Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Paulus/Loyola, 2003.

MARSHALL, I.Howard. **Atos: introdução e comentário**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2001.

Novo Testamento Grego. **Novum Testamentum Graece Nestle-Aland**. 28. ed.2012, Sociedade Bíblica do Brasil

PRIETO, Christine. **Cristianismo e paganismo, a pregação do evangelho no mundo greco-romano**. Tradução de Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 2007.

SCHNABEL, Eckhard J. **Paul, the Missionary: Realities, Estrategies and Methods**, InterVarsity Press, Downers Grove, 2008.

STOTT, John R. W. **A mensagem de Atos**. Tradução de Markus André Hediger e Lucy Yamakami. São Paulo: ABU, 1994.

TALBERT, Charles H. **Reading Acts**. Macon: Smyth & Helwys, 2005.

TREBILCO, Paul. Paul and Silas, servant High God, Acts 16.16-19. **Journal for the Study of the New Testament** 36, p. 51-73, 1989.

WRIGHT, N. T, **What Saint Paul Really Said: Was Paul of Tarsus the Real Founder of Christianity?** Grand Rapids: Eerdmans, 1997.